



A nossa língua sempre teve aquilo a que nós podemos chamar uma outra língua na moda. Sempre tivemos uma língua estrangeira que estava na moda”

Marco Neves
Linguista e professor universitário

Estará o inglês a substituir o português?

Comunicar Na semana em que se assinala o Dia Mundial da Língua Portuguesa, falamos sobre o “grande monstro do marketing”: o inglês que cada vez mais domina os discursos. Poderá estar ele a substituir a língua de Camões?

Carolina Santos

Numa era em que o inglês é já mais falado como segunda língua do que como primeira e está claramente na moda em Portugal, arriscamo-nos a que a língua de Camões esteja ameaçada?

O adjetivo poderá ser um pouco forte. É certo que em algumas áreas o inglês começa a ser a língua preferida e predominante, como o campo das ciências. Quantas vezes é que o leitor já se deparou com uma conferência

sobre temas científicos, em que os oradores falam todos em inglês ou o programa apresentado tinha os temas nessa língua? Provavelmente muitas. O linguista Marco Neves defende que nesse campo o inglês já começa mesmo a substituir o português. Tal como a literatura em inglês, que “cresce a olhos vistos”. Sobre tudo porque os livros em inglês são mais baratos, e consegue-se quase sempre a versão inglesa primeiro que a traduzida. E se analisarmos os autores mais li-

dos em Portugal, as tendências de cada mês nas livrarias, por exemplo, predominam também autores estrangeiros. Marco Neves descarta a ideia de que os escritores portugueses estejam em risco, mas defende que é preciso “ter algum cuidado”, de forma a evitar que haja cada vez menos espaço para eles.

O inglês é aquilo que chamamos de uma língua franca, ou seja, uma língua adotada comumente para permitir a comunicação entre pessoas que não partilham a mesma língua materna. E está hoje na moda, tal como na altura de Luís de Camões estava na moda o castelhano, ou no século XVIII o francês. Além disso, importa ressaltar que o povo português também é historicamente aberto a outras línguas.

No mundo inteiro, as pessoas

falam inglês, é uma língua útil. A França e a China, exemplifica Marco Neves, têm também muita produção em inglês. É, portanto, um fenómeno universal. E a influência do inglês já não vem tanto agarrada ao poder dos EUA e do Reino Unido, já está disseminada.

Não é apenas pela utilidade que o inglês é tão falado. Em muitas situações, esta língua é tida como “mais moderna”, “mais bonita”, sendo quase sinónimo de estatuto/etiqueta. Daí que muitos cargos em empresas sejam ditos e escritos em inglês: CEO, CFO, account manager.... Há inclusive a ideia de que colocar o nome de uma marca em inglês é mais sonante e pode chegar a mais pessoas.

Marco Neves tem outra perspetiva. No entender do professor

universitário em Lisboa, natural de Peniche, existe a “ideia errada de que não é possível chegar a muitas pessoas usando o português”. Antes pelo contrário, conseguimos chegar a mais pessoas se falarmos na nossa língua materna. “Uma coisa é nós pensarmos num número possível de pessoas que nos podem ouvir se falarmos numa língua que não é a nossa, mas que conhecemos. Outra coisa é aquilo que nós podemos dizer e a quantas pessoas é que realmente podemos chegar a falar das coisas de que gostamos, na nossa língua materna e na qual as pessoas querem ouvir”, explica.

Muitas vezes, acrescenta, perde-se algo, que costumamos esquecer, e que é “o poder de comunicar com as pessoas que falam português”.

O que é que podemos fazer para que a língua portuguesa não desapareça de alguns momentos discursivos, como o campo científico? Criar mais em português. Fazer a divulgação dos conteúdos em português, falar em português. Desenvolver discursos próprios no campo científico, largando os chavões estrangeiros e agilizando a comunicação. “É a única solução que vejo”, conclui Marco Neves, ressaltando, no entanto, que é apaixonado pela pluralidade de línguas.